

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ESPECIALIZAÇÃO NA
DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Estefania Adriana Pessoa de Sant'Anna

CONVITE AO MUNDO DAS CORES:
VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Belo Horizonte
2015

Estefania Adriana Pessoa de Sant'Anna

CONVITE AO MUNDO DAS CORES:
VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Docência, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marina Marcondes Machado

Belo Horizonte

2015

Estefania Adriana Pessoa de Sant'Anna

CONVITE AO MUNDO DAS CORES:
VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS ARTÍSTICAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Docência, pelo Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Infantil, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marina Marcondes Machado

Aprovado em 28 de novembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a Marina Marcondes Machado – Faculdade de Educação da UFMG

Prof Aroldo Lacerda – Faculdade FUMEC

A Deus, que se mostrou criador, que foi criativo. Seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora professora Marina Marcondes Machado, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento deste trabalho, em especial ao professor Aroldo Lacerda, que muito contribuiu com suas aulas ampliando minha visão sobre as artes visuais.

Agradeço também ao meu esposo Daniel e minha filha Stephane pela paciência, pelo incentivo, pela força e principalmente pelo carinho. Valeu a pena toda distância, todo sofrimento, todas as renúncias... Valeu a pena esperar.

Agradeço aos pais do CIM Antônio Bernardes por permitirem a participação de seus filhos e as crianças com as quais ensinei, mas aprendi muito mais.

A missão desse ensino é transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar potente, aberto e livre.

Edgar Morin

RESUMO

Este trabalho é um relato de experiência com fundo etnográfico, com o tema artes visuais e o desenho. Com as orientações descobri que desenho não é só lápis e papel, e meu tema tornou-se: cores. Montei uma sequência didática para ser trabalhada com as crianças, em um total de oito encontros que chamarei de “experiências”. Trabalhei com pintura de tinta guache em cores variadas, papéis de diferentes gramaturas e tamanhos, tecido e objetos variados que estão presentes no cotidiano da criança pequena, mas não são próprios para pintura. Apliquei a sequência, escrevi o diário de bordo e debrucei-me sobre ele para analisar e refletir sobre a importância do fazer artístico na primeira infância.

Palavras-chave: Arte, Criança, Cores.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Experiência com Cores	18
Figura 2 - Utilização de Todas as Cores Disponibilizadas	19
Figura 3 - Sopinha de Cores	20
Figura 4 - Momento de Socialização	21
Figura 5 - Exposição com Resultado da Experiência	22
Figura 6 - Experimentando	24
Figura 7 – Diversão: Fazer e Estourar Bolinha de Sabão	26
Figura 8 - Desenho com Barbante	27
Figura 9 - Experiência com Bolinha de Sabão na Sala	28
Figura 10 - Brincando de Padeiro.....	29
Figura 11 - Folha Grande	30
Figura 12 - Tela de Cinema.....	30
Figura 13 - Concentração das Crianças.....	32
Figura 14 - Estratégia Movimentando o Corpo.....	33
Figura 15 - Estratégia Dividindo Estopa	34
Figura 16 - Experiência Significativa	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
1.1	Breve Memorial	9
1.2	O Desenho e as Cores	11
1.3	A Sequência Didática	13
2	DESENVOLVIMENTO	17
2.1	Apreciando Cores	19
2.2	Vivenciar Cores.....	22
3	CONCENTRAÇÃO	31
3.1	Percepções do Efeito das Cores	34
4	3. CONCLUSÃO	37
	REFERÊNCIAS.....	39

1 INTRODUÇÃO

1.1 Breve Memorial

Minha infância foi vivida na casa onde morava com meus pais e também na casa dos meus avôs. Brincava com meus irmãos, vizinhos e com os primos aos domingos. Brincava muito na rua, nesta época tínhamos esta liberdade, sem nenhum adulto ficar nos observando.

Comecei a estudar no jardim de infância particular e, todos os dias, era arrastada pela minha mãe, sempre chorando até chegar. Quando descobri que na lojinha ao lado da escola vendia o que chamamos hoje de cupcakes, uns bolinhos que carinhosamente apelidei de “bolinho nenê”, por causa do tamanho, eu disse para minha mãe se ela comprasse eu entraria sem chorar. Após o combinado todos os dias eu descia com dinheiro na mão para comprar minha merenda. Ao passar para o chamado “Pré”, fui matriculada na escola pública que frequentei até o Ensino Fundamental.

Toda criança gosta de pegar no lápis e desenhar, imagine quatro fazendo a mesma coisa, e utilizando as paredes da casa para se expressar! Meus pais não gostaram nada, mas fizeram um combinado comigo e com meus irmãos. Meu pai faria um quadro para que pudéssemos desenhar, para eu ensinar meus irmãos; minha mãe compraria o giz. Guardo isso nas minhas lembranças e vejo ainda, quando vou à casa dos meus pais, o quadro de pedra ardósia. O cheiro do pó de giz se espalhava pelo chão com uma mistura de cores; minha mãe também comprava lápis de cor, giz de cera, tinta guache e vários tipos de papeis para utilizarmos. Não sai da minha memória o cheiro da tinta guache da época que eu era criança: hoje as tintas não possuem o mesmo cheiro, nem a mesma textura.

Cursei o Ensino Médio na Fundação de Ensino de Contagem (FUNEC) na turma de magistério, com formatura no ano de 1998. Assim que formei surgiu a oportunidade de trabalhar no comércio varejista, onde permaneci por cinco anos.

No início de 2004 fui chamada pela lista no concurso do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) para trabalhar como supervisora do censo na cidade de Esmeraldas. Terminamos o recenseamento em junho do mesmo ano. Por estar

trabalhando na região, obtive informações sobre uma faculdade na cidade que estava com inscrições abertas para o vestibular, resolvi fazer e comecei a cursar pedagogia, no segundo semestre de daquele ano.

Por estar desempregada, parei com a faculdade no terceiro semestre. Pouco tempo depois, consegui emprego, mas não consegui fazer acordo com a faculdade e acabei desistindo. Por ter voltado para o ramo do comércio estava sem tempo de participar da vida da minha filha, então, saí do emprego.

Em março de 2007, surgiu a oportunidade de trabalhar em uma escola, o horário coincidia com o da minha filha então aceitei a proposta: um grande desafio, depois de tanto tempo de formada e por ter optado pelo comércio. Trabalhei no Centro de Educação Infantil Ápice, uma escola particular que atendia crianças de 0 a 5-6 anos. No início estava um pouco insegura, principalmente porque a turma era do maternal III mista com o 1º período, mas, com o passar do tempo, me senti mais segura e lá se foi o primeiro ano na escola. Nos anos seguintes, trabalhei com turmas de 1º período.

Durante este período senti a necessidade de estudar, e no final de 2010 tentei o vestibular na faculdade Anhanguera. Início de 2011 comecei as aulas; em julho de 2011 fui chamada no concurso que havia prestado para efetivar no cargo de educador infantil da prefeitura de Betim, aceitei pela estabilidade, mas com grande pesar em deixar meus pequenos em agosto.

Em abril de 2014 a nomenclatura “educadora infantil” foi alterada para “professora da educação infantil (PEI)” e surgiu nosso plano de cargos e salários. Em junho do mesmo ano terminei a faculdade e, em setembro, a esperada colação de grau. No mesmo mês é chegada à notícia que a UFMG estaria selecionando candidatos para o curso de pós-graduação na docência da educação infantil. Sem pensar duas vezes, me inscrevi para a seleção, fui uma das aprovadas, começando uma nova proposta de ampliação de conhecimentos possíveis e desafiadores.

Permaneço na rede de Betim que muito nos incentiva a participar do curso contribuindo para meu desenvolvimento profissional e pessoal.

1.2 O Desenho e as Cores

Ao iniciar o curso, fiz a escolha sobre o tema que escreveria no Trabalho de Conclusão de Curso e decidi por artes visuais, mais especificamente o desenho, por entender que esta linguagem ajuda a desenvolver, e a construir todas as outras linguagens.

A criança desde que consegue erguer seu tronco e sentar-se sozinha procura objetos que consiga pegar e traça desenhos, rabisca às vezes esfregando objetos no chão; ao conseguir se erguer e a andar sozinha passa objetos pelas paredes, faz parte do seu dia a dia.

“O desenvolvimento continuado do desenho traz mudanças significativas; depois das garatujas, cada vez mais o desenho torna-se organizado, surgindo o uso dos símbolos”. BRASIL (1998). É muito comum presenciarmos as imagens de nuvens, sol, árvores, carro, figura humana e esta passagem é possível porque a criança esta desenhando, observando seus pares desenhando, ou imita outras pessoas e seus desenhos.

Enquanto desenha a criança desenvolve sua criatividade, percepção, conversa consigo mesma às vezes em voz alta, experimenta sua capacidade imaginativa, mudando seu modo de pensar e de agir.

Várias perguntas me inquietavam, como: qual o espaço que se dá ao desenho na sala de aula? Desenho é somente na sala? Como fazer com que as crianças praticassem com prazer? E com sentido?

No início falaria sobre o desenho e a atitude de outros profissionais, mas, ao conhecer minha orientadora, fui modificando meu pensamento; como pesquisadora iniciante descobri que desenho não é feito somente com uma folha de papel ofício e lápis de colorir.

Minha pesquisa é um relato de experiência com fundo etnográfico, ao invés de falar teoricamente falarei das minhas práticas, experiências e expectativas. Como modificar o outro se eu não modifiquei a mim mesma?

Após fazer leituras de artigos sobre o desenho e conhecer o professor Aroldo, percebi: como eu quero que uma criança desenhe se eu mesma não o faço? Aprendi que tenho que retomar meu eu e que posso desenhar juntamente com as

crianças pequenas. Como disse o professor em uma das suas aulas, criança potente tem que ter professora potente.

A observação relatada foi feita no Centro Infantil Municipal (CIM) Antônio Bernardes, na turma Pré I A com 17 crianças matriculadas na faixa etária de 5 anos. A média de frequência desta turma às aulas é de 11 crianças. A instituição atende 156 crianças de 1 a 5 anos de idade, dispostas em: uma turma de creche 1 e uma de creche 2, ambas em horário integral, uma turma de creche 3, duas de pré 1 e três de pré 2, funcionando em horário parcial. O bairro é carente e algumas crianças não possuem uniforme escolar, muitas vão de chinelo por não possuir outro calçado, e chegam a andar até 30 minutos a pé para chegarem na escola, apesar de nas proximidades existirem mais duas unidades da prefeitura, e outras duas escolas particulares.

Para compreender as crianças pequenas temos que entender o significado das palavras criança e infância. Para “criança temos diferenciando definições como concepção do sujeito real que vive a infância; é um vir a ser, inventado no decorrer da história; é um período da palavra inarticulada e da vida humana (KUHLMANN, 2004). Ainda de acordo com o mesmo autor, há como concepção de infância o próprio período da vida da criança: é a representação que os adultos fazem sobre o período inicial da vida”.

No início do curso escolhi trabalhar com artes visuais por entender e acreditar que essa linguagem faz parte da infância, pois possibilita vivenciar experiências marcantes para o desenvolvimento, ampliando suas percepções. Segundo o RCNEI¹ em Brasil (1998):

As Artes Visuais estão presentes no cotidiano da vida infantil. Ao rabiscar e desenhar no chão, na areia e nos muros, ao utilizar materiais encontrados ao acaso (gravetos, pedras, carvão), ao pintar os objetos e até mesmo seu próprio corpo, a criança pode utilizar-se das Artes Visuais para expressar experiências sensíveis. (BRASIL, 1998, p.85, v.3)

O desenho me chamou atenção por ver as professoras utilizando esta ferramenta como um passatempo, e a mim interessa em pesquisar. Com o passar do tempo e ao conhecer a minha orientadora, Marina, fez toda a diferença. Durante as orientações o grupo de quatro professoras que escolheram “o desenho” foi

¹ RCNEI – Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

descobrimos possibilidades: caminhos diferentes para percorrer, e escolher com liberdade o que era mais “a cara” de cada uma; e então o meu trabalho virou experiência com cores.

Montei minha primeira sequência didática e levei para a orientação; conversamos em grupo cada orientanda expos sua sequência, e, já naquele momento, alterei algumas coisas com as dicas que fomos recebendo. Montei então a segunda sequência didática que foi aprovada e autorizada para que eu começasse o trabalho. No total são oito encontros que chamarei de “experiências”, por serem nossas vivências. Como diz Larrosa (2002, p.21), “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca.”. Quero provocar algo que faça sentido para as crianças que estão vivenciando.

1.3 A Sequência Didática

A sequência didática final ficou assim:

1ª experiência: carimbo de barbante

Materiais: tinta guache, água, pratos descartáveis, barbante e folha de papel ofício.

Corte vários pedaços de barbante tamanho médio, reserve. Prepare a tinta guache diluindo-a em um pouco de água e coloque em pratos descartáveis, cada prato com uma cor, várias cores. Separe varias folhas de papel ofício brancas.

Desenvolvimento: conversar com as crianças sobre “quem sabe desenhar?” O que gostam de desenhar? Quem sabe desenhar com barbante? Explicar que hoje trouxe uma proposta diferente: vamos desenhar com pedaços de barbante. Pode desenhar no chão, na mesa, na cadeira, dê um tempo para que brinquem com o barbante. Após propor que mergulhem o barbante na tinta guache e que desenhem na folha de papel ofício, como já fizeram no chão. Aguardaremos um tempo para começar a secar, então retiraremos os barbantes para ver como ficou o desenho.

2ª experiência: pintura com fita crepe

Materiais: fita crepe, folha de papel 60k, tinta guache cores variadas e pincéis.

Prepare cortando vários pedaços de fita crepe antes do início da aula. Começar a aula propondo que colem pedaços de fita crepe na folha de papel 60k, formando desenhos. Quando terminarem solicitar que pintem com tinta guache cobrindo a folha por completo, a criança pode escolher se usará uma cor ou várias cores. Aguardar secar para retirar a fita crepe colada.

3ª experiência: pintura através do assopro

Materiais: tinta guache cores variadas, pincéis, canudinho, folha de papel 60k tamanho ofício cor branca.

Com pincel a criança deve pingar pequenas porções de tinta guache na folha de papel 60k, na cor ou nas cores que desejar, após, pegar o canudinho e assoprar. Quanto mais assoprar mais espalhada fica a tinta e, se usar várias cores, a pintura ficará mais interessante.

4ª experiência: pintura com hastes flexíveis com ponta de algodão (cotonetes)

Materiais: hastes flexíveis com ponta de algodão, tinta guache cores variadas, copos descartáveis, folha de papel ofício branca.

Colocar tinta guache de cores variadas em copos descartáveis, propor às crianças que façam desenho na folha branca usando as hastes flexíveis com ponta de algodão molhando na tinta guache.

5ª experiência: bolinhas de sabão

Materiais: anilina cores variadas, detergente incolor, glucose de milho, água, canudo, copo descartável, cartolina branca.

Com antecedência de uma semana prepare a mistura de uma parte de glucose de milho para duas de detergente e três de água; deixe descansar até a data a ser usada.

Coloque um pouco do líquido preparado em vários copos descartáveis, levar as crianças para área livre e deixar brincar de fazer bolhas de sabão. Após voltar para a sala, disponibilizar outros copos descartáveis com o líquido incolor e pingar anilina de cores diferentes em cada copo. Peça à criança que pegue o canudo, molhe na cor desejada e faça bolinhas de sabão, porém colocando as bolinhas no papel cartolina e observar o que acontece.

6ª experiência: pintura com bolinha de gude

Materiais: bolinhas de gude, tinta guache cores variadas, folhas de papel ofício, forma de bolo retangular, pinceis.

Com antecedência enviar um bilhete aos pais solicitando que enviem para a escola uma forma de bolo retangular para a próxima experiência. Assim que for recebendo as formas identificá-las com nomes das crianças. Emendar as folhas de papel ofício para que tapem o fundo da forma. No dia da experiência, entregar cada criança a sua forma e solicitar que, com o pincel, pingue tinta guache nas cores de seu interesse; pedir à criança que pegue cinco bolinhas de gude, coloque dentro da forma e movimente as bolinhas, para descobrir o que irá acontecer.

7ª experiência: pintura espirrada

Materiais: folha de papel kraft, tinta guache em várias cores, seringa, prato descartável, fita adesiva.

Afixar as folhas de papel kraft no chão com fita adesiva, colocar a tinta guache em pratos descartáveis, um prato para cada cor, e pedir para que as crianças encham a seringa com tinta guache para espirrar na folha. Observar que obterão resultados diferentes ao apertar devagar ou com rapidez.

8ª experiência: pintura splash

Materiais: pacotes com estopa, tecido americano cru, tinta guache de cores variadas, pratos descartáveis, papel kraft, pregos, martelo.

Pregar na parede o tecido americano cru, colocar a tinta guache dentro de pratos descartáveis, um para cada cor diferente, forrar o chão com papel kraft (para quando a estopa cair, não sujar). Abrir os pacotes de estopa e partir em vários pedaços, dois a três pedaços para cada cor de tinta. Solicitar às crianças que molhem a estopa na tinta e joguem no tecido esticado, observar os resultados: quando se joga devagar ou quando se joga com força, e a interação entre os colegas (por ser uma experiência coletiva).

Solicitei a autorização da diretora e coordenadora explicando o trabalho que propunha para as crianças, e também a autorização dos pais conversando e explicando para cada responsável sobre a minha pesquisa. Como já esperava todos os pais assinaram a autorização, pois são muito participativos. Foi feito um pedido,

por parte da maioria dos pais, que fosse usado um colete na hora das experiências, para evitar manchas nas roupas.

Por estar presente com as crianças uma vez por semana, já havia comentado sobre o meu trabalho de pesquisa e há um estranhamento por parte deles em eu ir para escola, uma faculdade para estudar. Na escola que trabalho somente eu estou estudando. Acompanho esta turma desde o ano passado no início do ano, como professora de apoio, e a partir de agosto como professora regente. Este ano voltei para professora de apoio e continuo acompanhando-os. Apesar do tempo que estou eles e de já ter explicado que quando se é adulto podemos e devemos continuar estudando, surgem perguntas se eu ainda vou para a escola, qual horário, onde é a minha escola.

As crianças que estão colaborando com a minha pesquisa estão aqui listadas:

Masculino	Feminino
Car	AL
Cau	Ca
Gu	Di
Hya	Ke
Isa	Ky
Jo	
Lu	
Ma	
Mi	
Na	
Pe	
Yu	

A seguir vou procurar contar a experiência vivida de modo reflexivo.

2 DESENVOLVIMENTO

A partir do Mapa do Brincar apresentado a nós pela professora Marina Marcondes Machado, desenvolvi o meu mapa por meio de estudo do diário de bordo das experiências vividas com as crianças. O mapa recebeu o nome de Mapa da Experiência com Cores será o meu guia para responder aos meus questionamentos:

Figura 1 - Mapa da Experiência com Cores



Fonte: da autora

2.1 Apreciando Cores

As cores fazem parte da vida humana; os índios, por exemplo: pintam-se com tintas produzidas por eles mesmos extraídas de plantas. As cores também trazem alegria aos ambientes e chamam atenção de todos nós.

Com as crianças também acontece desta forma, elas são estimuladas pela imaginação e criatividade por meio das cores, não somente em uma produção, mas também no outro que está vendo e apreciando.

Em várias passagens do meu diário fiz a observação que nenhuma criança escolheu apenas uma cor: elas sempre usaram muitas cores. Em um dos dias uma criança fala, ao ver as cores dispostas, que é “sopinha de cores”.

Figura 2 - Utilização de Todas as Cores Disponibilizadas



Fonte: da autora

Figura 3 - Sopinha de Cores



Fonte: da autora

Apesar de já ter sido professora desta turma o ano passado e ter trabalhado com artes visuais, várias vezes utilizando a tinta guache, um aluno falou por duas vezes sobre a mudança de cor quando se mistura tinta; vejo que agora ele está conseguindo internalizar, a experiência está sendo significativa e talvez a aula do ano passado não tenha sido tão significativa.

As crianças viram as cores com grandes possibilidades; usaram a imaginação, criatividade, eu como professora tenho a responsabilidade de criar meu planejamento para este caminho de ação.

Na primeira experiência proporcionada às crianças, denominada carimbo de barbante, me encantei com o aprendizado dos alunos em organização e respeito aos seus pares. Após a experiência aguardamos que secassem para retirar o barbante e apreciarmos o efeito, as crianças fizeram uma roda em volta da mesa e falavam o nome de um dos colegas que pegava a sua respectiva folha e tirava o barbante, enquanto retiravam eles diziam: “hummm ficou lindo, ficou demais”, “muito bem”, “parabéns”, e batiam palmas quando terminavam.

Fiquei emocionada, muito feliz que a forma como conduzi a experiência levou as crianças perceberem o respeito ao próximo, mais feliz fiquei porque aconteceu novamente na segunda experiência que foi a pintura com fita crepe.

No dia da experiência não foi possível retirar a fita crepe, pois, não havia secado a tinta, falei com as crianças e propus que tirássemos na próxima experiência.

No final da terceira experiência lembrei as crianças que tínhamos que retomar a experiência anterior, peguei as folhas e entreguei aos presentes, cada um retirou a

fita crepe de seu papel e ficaram encantados Ky abraçou a amiga AL dizendo: “está lindo!”. Mais um momento de socialização nosso em que a emoção tomou conta. Os alunos que fizeram e não estavam presentes, eu guardei para que pudessem tirar outro dia. A pedido das crianças expus os resultados das experiências na parede.

Percebo o quanto estou trabalhando com a autoestima das crianças, o respeito entre elas e a afirmação de que são capazes, que confio na capacidade delas. A capacidade que estou desenvolvendo, a cada dia que passa em ouvir o que elas estão falando. O RCNEI traz em suas orientações didáticas

A autoestima que a criança aos poucos desenvolve é, em grande parte, interiorização da estima que se tem por ela e da confiança da qual é alvo. Disso resulta a necessidade de o adulto confiar e acreditar na capacidade de todas as crianças com as quais trabalha. A postura corporal, somada à linguagem gestual, verbal etc., do adulto transmite informações às crianças, possibilitando formas particulares e significativas de estabelecer vínculos com elas. É importante criar situações educativas para que, dentro dos limites impostos pela vivência em coletividade, cada criança possa ter respeitados os seus hábitos, ritmos e preferências individuais. Da mesma forma, ouvir as falas das crianças, compreendendo o que elas estão querendo comunicar, fortalece a sua autoconfiança. (BRASIL, 1998 p.30, v.3)

Figura 4 - Momento de Socialização



Fonte: da autora

Figura 5 - Exposição com Resultado da Experiência



Fonte: da autora

Na última experiência, que foi coletiva, retirei o tecido do muro pois constatamos que havia secado; levei para a sala de aula, as crianças passaram entretidas tentando descobrir quem teria acertado onde, as cores que usaram, como conseguiram acertar, falando que jogaram forte, fraco, com muita tinta, com pouca... quantos conceitos matemáticos estiveram presentes, conhecimento estimulado através da conversa entre eu e eles e entre os pares. A duração da conversa e apreciação durou por mais de dez minutos.

2.2 Vivenciar Cores

Percebo ao analisar meu diário que as crianças fizeram uma associação entre mim e a pintura; antes eu já ficava na sala com eles, cobrindo o horário de estudo da professora e trabalhava com pintura, mas agora percebo que algo está diferente e eles também percebem.

Há mudança no comportamento das crianças quando veem que estou na sala para recepcioná-las, observam atentamente os materiais na mesa, então, se direcionam para onde querem sentar-se, e conversam baixo com os olhares atentos aos acontecimentos durante a chegada.

Nos relatos, por causa da cultura do bairro as crianças, tem o costume de chamar a professora de “tia”; aos poucos estou tentando fazer a modificação no modo de falar das crianças, mas esta demanda leva tempo. Sei que ser professora exige que tenha carinho e amor, mas, a atividade é profissional. Paulo Freire faz uma crítica muito interessante:

O que me parece necessário na tentativa de compreensão crítica do enunciado *professora, sim; tia, não*, se não é opor a professora à tia não é também identificá-las ou reduzir a professora à condição de *tia*. A professora pode ter sobrinhos e por isso é tia da mesma forma que qualquer tia pode ensinar, pode ser professora, por isso, trabalhar com alunos. Isto não significa, porém, que a tarefa de ensinar transforme a *professora* em *tia* de seus alunos da mesma forma como uma *tia* qualquer não se converte em *professora* de seus sobrinhos só por ser *tia* deles. Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa *militância*, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser *tia* é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é *tia* por profissão (FREIRE, 1997, p.9)

Em uma das experiências a criança Hya me convida para pintar, com expressão alegre: “tia nós vamos pintar!”, respondi que pintaríamos, quando fomos interrompidos pelo Ma que me pergunta: “tia, tia, tia qual experiência que vamos fazer?”. Disse que falaria quando voltasse, pois fomos interrompidos pela professora Lívia que fica na sala enquanto eu tomo café.

Quando retornei escutei: “a tia chegou!”, exclamou Gu. Car comenta: “nós vamos pintar!”. Agradeço a professora Lívia e retomo de onde parei, quando chega, próximo de onde estou, a aluna Ca dizendo: “tia me dá dois coletes; colete de pintar, mas tem também outro colete, que é o salva-vidas para ir na piscina”. Continua falando comigo, mas com os olhos voltados para os materiais que estão sobre a mesa, “hoje vamos pintar de pincel? Não vou sujar minhas mãos?” Antes que eu respondesse Pe fala: “tia eu quero sujar as mãos”. Ca começa a gritar: “colete, colete, colete”. Entreguei os coletes e eles se assentaram. Entreguei a folha de papel 60ks tamanho ofício, Ky ao pegar na folha percebe a diferença de gramatura e diz que “a folha é dura”, então concordam com ela Jo, Gu e Ke.

Ke desabafa: “quantos anos nós vamos pintar, mil anos”: ela estava ansiosa para que começasse logo a experiência, o desejo de experimentar algo novo, o desconhecido, uma nova descoberta. Larrosa discursa sobre o sujeito da experiência:

“O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (LAROSSA, 2002, p.21).

Figura 6 - Experimentando



Fonte: da autora

Por vários dias acontece este desejo em participar de novas experiências, sempre que encontram comigo, as crianças perguntam. Fui até a sala das crianças e pedi licença a Lívia para dar um recado, solicitei às crianças para avisar aos pais que iríamos pintar novamente amanhã porque eu estaria com eles o dia todo. Mas me pergunta: “o dia todo?” Respondi que sim, então Ca disse: “é para vir com roupa que pode sujar?” Disse que deveriam vir com alguma roupa que, se manchasse, não

teria problema e este era o motivo pelo qual estava avisando (foi assim que eu havia combinado com os pais). Pe diz: “minha mãe disse que pode sujar esta, mostrando a blusa de baixo, mas esta aqui não pode não, ela falou que se eu sujar vai me dar uma surra”. Disse que se ocorresse de manchar eu conversaria com ela. Isa começa a cantar na sala fazendo gesto de colocar uma mão na testa e outra na barriga (o gesto do arrocha) e cantava assim: “a tia Estefania é minha rainha, é a tia mais tia, a tia Estefania é minha princesa” e fez com as mãos um coração dizendo que me ama. Pedi que se assentassem para a Lívia continuar com a aula dela. Antes de sair agradeço a professora.

Mais tarde, na hora do almoço das crianças, passo pelo refeitório para ir para a sala dos professores e a Ke me grita, perguntando se eu realmente iria para sala dela: conversamos e eu falei que iria sim. Ma e Hya comemoram, falaram alguma coisa que não deu para escutar, pois neste horário todos querem falar juntos. Gu vibra com gesto de um atleta que tivesse ganhando uma competição. Mando beijos para as crianças e vou para sala dos professores para conferir o material que usarei na próxima aula.

A sequência didática que montei para trabalhar foi interrompida por causa das férias; pensando nisto, havia preparado para que as experiências fossem divididas pela metade, quatro antes das férias e as outras quatro quando voltássemos.

Quando voltamos das férias, a professora referência da turma não estava presente por motivo de saúde, então, assumi a sala naquele dia. As crianças fizeram a maior festa: pularam e correram para me abraçar, disseram que estavam com saudades de mim e perguntaram se eu iria ficar com eles durante o dia de hoje. No momento que respondi que sim, pois a professora deles não viria, nem perguntaram o motivo e já foram comemorando e correndo pela sala, perguntando “se nós iríamos pintar”? Respondi que a experiência de hoje seria diferente, pois íamos trabalhar cores com bolinha de sabão.

Figura 7 – Diversão: Fazer e Estourar Bolinha de Sabão



Fonte: da autora

As crianças perceberam que havia uma continuidade nos trabalhos, que havia uma sequência; as experiências iniciais foram dentro da sala de aula e, aos poucos, foram levados para experimentar fora da sala. Na medida em que o papel começou com tamanho ofício, houve mudança de gramatura e depois foi aumentando o tamanho: dentro da sala não comportava mais, principalmente na última experiência que foi o tecido e a estopa.

Em algumas falas podemos perceber esta mudança: na primeira experiência com barbante, as crianças desenharam no chão e houve grande dificuldade para fazer no papel ofício (por causa do dimensionamento). Jo diz que não consegue, e fala em parar. Ca diz a ele que foi um pouco difícil, mas ele conseguiu. Gu se aproxima e ajuda Jo a desenhar em cima da folha. Pe não reclama, mas vejo a dificuldade; às vezes falta paciência, mas no final consegue.

Figura 8 - Desenho com Barbante



Fonte: da autora

Na segunda experiência utilizei folha do mesmo tamanho com gramatura diferente. Talvez pela empolgação em fazer a experiência ninguém comentou sobre a gramatura, mas observo que o aluno Na tem dificuldades em desenhar com barbante dentro do limite do papel. Já na terceira Ky comenta quando entrego o papel 60k que a folha é dura e Ca concorda com ela, chamando a atenção de outras crianças que percebem também. Na quarta experiência não houve comentários quanto ao papel.

Voltamos de férias e partimos para a quinta experiência com bolinha de sabão e escolhi a folha de cartolina para ser utilizada. Ao entregar Di diz: “esse papel é muito grande”. Ky fala que não caberá todos na mesa. No final, quando terminei de entregar, Ky comenta “que coube”, que temos poucos coleguinhas.

Figura 9 - Experiência com Bolinha de Sabão na Sala



Fonte: da autora

Para o sexto encontro, houve dificuldade em compra de material por causa de verba e resolvo experimentar a reação das crianças: solicitei que cada um trouxesse de casa uma forma retangular de bolo. Como veio de casa, cada forma tinha tamanho diferente. Somente duas crianças não levaram, mas eu emprestei (levei as que eu tinha). Pe coloca a forma que eu emprestei na cabeça e diz: “nós somos padeiro!” (sic); Ky fala que a forma dela esta amassada. Mi diz: “a minha não esta amassada.” Lu, Jo e Gus colocaram uma forma dentro da outra comparando tamanho. Di diz: “ainda bem que tem um tantão de forma.” Eles não brigaram por estarem cada um com um tamanho de forma, e usaram a imaginação, brincando e comparando os tamanhos.

Figura 10 - Brincando de Padeiro



Fonte: da autora

Neste penúltimo encontro utilizei folha de papel kraft e, por causa do tamanho, fiz a experiência no corredor da escola. As crianças estavam dentro da sala com a professora Lívia e me observavam, enquanto eu afixava as folhas no chão. Eu consegui ouvir quando Ca comenta com Ky e Di sobre o tamanho da folha; Di responde a ela que a folha é muito grande. Na última experiência o aluno Pe compara o tamanho do tecido usado e me pergunta: “isto é para cinema?”. Ele percebe a dimensão de tamanho e a semelhança com a tela de cinema.

Figura 11 - Folha Grande



Fonte: da autora

Figura 12 - Tela de Cinema



Fonte: da autora

3 CONCENTRAÇÃO

Como lidar com o tempo na escola? Como lidar com o tempo de criação? Como lidar com o tempo na vida? Na Educação Infantil, existe a possibilidade de oferecer um tempo ampliado para cada proposição, de modo que a criança possa usufruir um período generoso para realizar seus trabalhos – mergulhar e desenhar em muitos papéis e, se esse movimento continuar intenso, poder continuar no dia seguinte. Sempre que possível, o espaço usado deve ser o ambiente de oficina, seja em um espaço permanente ou criado na própria sala de aula. Onde os materiais estejam disponíveis para que as ideias possam ser concretizadas. Ambiente em que é possível pensar fazendo, onde perguntas, ideias e invenções ganham movimento (BARBIERI, 2012, p. 54).

De acordo com Barbieri(2012) a professora deve se organizar e fazer seu planejamento pensando no tempo de cada atividade e também no espaço físico. Cada criança e cada turma tem seu próprio tempo, ao qual devemos estar atentos.

A sequência que planejei levou em consideração o tempo, o espaço e outros fatores também.

O espaço pode ser um lugar atrativo, desafiador, no qual você queira estar presente; os materiais tem que ser convidativos, provocativos, ter vontade de interagir com eles, por isso precisa ser planejado.

As experiências que as crianças mais se concentraram foram:

- Carimbo com barbante: ao propor que desenhasse no chão, em cima da mesa, com espaço ampliando e depois desenhar em uma folha de papel foi desafiador;
- Pintar com cotonete: as crianças se concentraram e queriam fazer cada vez mais, ofertei folhas de acordo com a vontade de estar fazendo. O aluno Lu fala observando o Isa, “ele fez uma bolinha, vou fazer também”. Pe: “vou fazer um Homem Aranha”. Jo: “vou fazer o Hulk. Ele se concentra tanto que começa a falar sozinho.” Olha a barriga dele é grande e verde, o dente também. Agora o Homem de Ferro, preciso do vermelho. Olha o tamanho do umbigo do Capitão América e o Batman”.
- No dia da pintura espirrada a criança Ke diz aleatoriamente enquanto pinta “não sei o que estou fazendo, mas estou fazendo”.

- Na última experiência, Car aproveitou as mãos com tinta e deixou as suas digitais, com a mão completa, no meio do tecido. Yu após ver a atitude da Car, também deixou as marcas das suas mãos na lateral do tecido.

Apesar de estarem experimentando as artes visuais de uma forma diferente, algumas crianças ainda voltam aos estereótipos. Concordo com Vianna(1995) quando fala dos desenhos estereotipados:

Os desenhos estereotipados empobrecem a percepção e a imaginação da criança, inibem sua necessidade expressiva; embotam seus processos mentais, não permitem que desenvolvam naturalmente suas potencialidades. Estereotipar quer dizer então, simplificar, esquematizar, reduzir à expressão mais simples (VIANNA, 1995, p.5)

Quando vemos o desenho de uma criança não percebemos como ocorreu o processo de criação, as angústias, dúvidas, certezas, acertos em um desenho que para nós está pronto e acabado. Somente quando se tem a oportunidade de observar e acompanhar o processo de criação é que sentimos o quanto a criança dialogou com seu trabalho antes de ficar pronto.

Figura 13 - Concentração das Crianças



Fonte: da autora

Trabalhei com as experiências individuais e apenas uma coletiva; as próprias crianças criaram regras e estratégias para que o trabalho se desenvolvesse, diante das propostas apresentadas por mim. Diante da experiência com bolinhas de sabão percebi que Mi concentra as bolhas somente em um canto da folha, depois concentra no outro canto. Di deixou cair o líquido em maior quantidade na folha, desenvolveu a estratégia de fazer bolhas em cima da folha. Outra estratégia foi de Pe, Jo, Mi e Isa que movimentam o corpo juntamente com o tabuleiro enquanto outras crianças conseguiam fazer o movimento usando somente os braços. Na experiência coletiva Mi divide a estopa usada para jogar mais de uma vez.

Figura 14 - Estratégia Movimentando o Corpo



Fonte: da autora

Figura 15 - Estratégia Dividindo Estopa



Fonte: da autora

3.1 Percepções do Efeito das Cores

Após voltar de férias, começo a perceber uma mudança concreta: que meu trabalho está surtindo efeito com as crianças. No quinto encontro fiz uma roda de conversa para falarmos das férias, durante os relatos ressalto as alunas AL e Ca. AL contou para todos que pediu a sua mãe para comprar tinta para ela pintar, perguntei qual a tinta e ela respondeu: “ué tinta igual à sua, um pote grande assim”, fez um sinal com as mãos com o tamanho do pote. Perguntei para ela onde ela pintou, respondeu que “no papel com pincel”, que a mãe dela desenhou com caneta. Ela disse: minha mãe desenhou uma casa, um avião e outras coisas.

A aluna Ca também disse que pintou, mas ela já tinha as tintas; pintou na casa do avô com várias cores de tinta, com papel e pincel: “Eu fiz cobra, casa, sol, gato, cachorro, vaca, jacaré, um monte de coisa”.

Fiquei muito feliz com a notícia, apesar de ter tido a interferência de um adulto desenhando para a criança pintar, mas, olhando por outro ângulo, o adulto está desenhando junto com a criança.

No dia em que trabalhei a sétima experiência, as crianças estavam terminando e coincidiu com o horário das crianças de dois, três e quatro anos almoçarem. Estávamos próximos ao refeitório: chegam as turminhas e a curiosidade é maior, as crianças querem ver o que está acontecendo; depois que viram as crianças pintando, as professoras pedem para se assentarem.

A professora Rejane, da turma de quatro anos, vem conversar comigo e pergunta qual atividade estou fazendo, após eu explicar a experiência ela volta para o refeitório, mas percebo que ela ainda continua observando, atenta. As crianças foram terminando e a Lívia os levou para brincar um pouco no parquinho, mas as alunas Ky e Ke continuam comigo. Ke conversa com Ky dizendo “eu não quero almoçar não”, e Ky sorri da fala da colega. Mais alguns minutos elas terminam e me ajudam a guardar o material utilizado; após foram lavar as mãos para o almoço, juntaram-se aos outros colegas.

Foi uma surpresa as alunas trocarem a brincadeira no parquinho, querendo trocar até o almoço, para continuarem experimentando. Outra surpresa foi o interesse da professora Rejane: no mesmo dia durante o nosso horário de almoço continuamos a conversa sobre pintura com as crianças.

Alguns dias se passaram e esta professora me procurou na escola para falar que, depois que me viu pintar com as crianças, que deu vontade, que ela tentou e deu certo. Ela relatou que das vezes (que são raras) que fez pintura chamava um aluno de cada vez na mesa dela e ajudava a criança a pintar, em uma folha com desenho xerocado. Mas, depois de ver que eu fiz, com todos os alunos juntos e cada um pegando o material, fazendo sozinho sem minha ajuda, e que não tinha bagunça, ela gostou. Ela continua me dizendo que cortou o copo descartável e foi colocando tinta, colocou vários copos nas mesas das crianças e entregou pinceis e a folha para eles e que fizeram sozinhos, sem bagunça, que gostou e vai repetir por mais vezes.

Percebo o quanto foi significativo fazer aquela experiência do lado de fora da sala; este relato ocorreu em agosto e, depois desta data, esta professora tem incluído as artes visuais, em especial a pintura com tinta guache, em seu

planejamento semanal. Outras professoras andaram sondando sobre meu trabalho, mas ainda não se arriscaram.

A minha atitude de praticar com as crianças fez a diferença! Como diz Lacerda(2012)

Não é possível perceber a Arte como área de conhecimento sem este mergulho por parte dos profissionais na experimentação, no fazer e na pesquisa dos processos artísticos adequados a cada faixa etária, paralelamente à ampliação de seus conhecimentos da história da arte e da fruição de obras de arte (LACERDA, 2012, p.4).

Figura 16 - Experiência Significativa



Fonte: da autora

4 CONCLUSÃO

Dizem que o que todos procuramos é um sentido para a vida. Não penso que seja assim. Penso que o que estamos procurando é uma experiência de estar vivos, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior do nosso ser e da nossa realidade mais íntimos, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos (CAMPBELL, 1990,apud BARBIERI, 2012, p.30).

As experiências que vivi são únicas e, apesar de aqui deixar registradas nesta pesquisa, compartilhando com vocês, não são “transferíveis”.

Para os pais que depositaram confiança na minha capacidade e permitiram que seus filhos participassem e vivessem esta experiência, posso apenas compartilhar a vivência.

Foram momentos de muita expectativa, às vezes decepcionar, ter que modificar, transformar, eu fazer com que as crianças tivessem interesse por aquilo que estava propondo e ao mesmo tempo que as experiências fossem significativas para elas também, como estava sendo para mim.

Muitas vezes nas aulas de arte perdemos a oportunidade de fazer com que a proposta seja significativa, nos preocupamos em utilizar materiais caros e para a criança talvez não faça sentido, pois no seu cotidiano em casa não possuem. Trabalhei com materiais que as crianças não haviam experimentado para pintura, materiais que muitas delas já conheciam, mas não com a “finalidade de pintar”.

A experiência foi significativa e surtiu efeitos pois que toda vez que as crianças me veem, perguntam que dia eu voltarei na sala delas, e se no dia em que eu voltar, se nós vamos pintar. Preste atenção na pergunta: elas não perguntam se elas vão pintar e sim se nós vamos isto inclui a mim, que aprendi a fazer junto com eles e percebo o significado disto.

Ser professora na contemporaneidade, em função da falta de tempo, da correria, do horário exaustivo das escolas, de ficar sobrecarregado e assim deixamos de prestar atenção em pequenos detalhes; deixamos escapar algumas perguntas. Como professores, temos que estar atentos a que tipos de experiência iremos proporcionar às nossas crianças?

Não basta esta vivenciando, é necessário permitir que as experiências nos transformem, e as artes visuais nos fazem ver a realidade de outra forma.

Precisamos estar abertos para sentir, refletir, experimentar o desconhecido, explorar possibilidades, criar, inventar para que nossas experiências sejam potentes². Concordo com o pensamento de Barbieri(2012)

De fato, nosso papel de educador é proporcionar experiências relevantes para as crianças. Alcançar esse objetivo demanda muito trabalho e dedicação. Dizem que Deus mora nas pequenas coisas. Eu acredito nisso, que a riqueza das relações mora nas pequenas coisas, acredito que o trabalho do professor é feito de pequenos gestos e delicados cuidados. As intenções precisam ser grandes, mas, no dia a dia, é no pequeno que se constitui nosso trabalho, nesses pequenos cuidados (BARBIERI, 2012, p.44)

Planejo como pesquisadora iniciante, novas experiências significativas com as crianças e, mais pra frente, um mestrado, para ampliar meus conhecimentos.

² Palavra do professor Aroldo usada em uma das suas aulas.

REFERÊNCIAS

BARBIERI, Stela. **Interações**: onde está a arte na infância? São Paulo: Blucher, 2012.

LARROSA. Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2002, n.19, pp. 20-28.

DIAS, Fátima Regina Teixeira de Salles; FARIA, Vitória Líbia Barreto. **As contribuições de Reggio Emilia para uma reflexão sobre a Educação Infantil que estamos oferecendo às nossas crianças**. Belo Horizonte: Secretaria Municipal de Educação, 2008.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olhos D'Água, 1997.

GOULART, Maria Inês Mafra. **Aprender participando**: a exploração do mundo físico pela criança. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 30., 2007, Caxambu. Horizonte: Autêntica, 2004, p.15-16.

HARTMANN, Luciana; VELOSO, Graça (orgs). **O teatro e suas pedagogias: práticas e reflexões**. Brasília: Editora da UnB (no prelo).

KUHLMANN JR, Moysés; FERNANDES, Rogério. Sobre a história da infância. A infância e sua educação—materiais, práticas e representações. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 15-34.

LACERDA, Aroldo Dias. Por que as crianças param de desenhar quando vão para a escola? VI Colóquio Luso Brasileiro de Currículo. **Anais**. Belo Horizonte, set. 2012.

MACHADO, Marina Marcondes. A criança é performer. In: **Educação & Realidade**, Porto Alegre. n. 35, v. 2, p.115-137, maio/ago, 2010.

MONTEIRO, Adriana Torres M. O que a criança desenha, quando desenha a casa? In: **Paidéia**. Revista da Univ. Fumec, Belo Horizonte, Ano 7, n.9, p.43-58, jul/dez 2010.

BRASIL. Educação, Ministério e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental; Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998. v. 3.

Site Agachamento. Disponível em: <www.agachamento.com>

